

Tempos de crepúsculo

Quando a coruja de
Minerva finalmente
levanta voo

3º ciclo de debates

Afinal, para que serve a História?

**Biblioteca Municipal
Ary dos Santos | Sacavém**

1 abril | 15:00

Salazar e a arqueologia nacional

Oradores

Sérgio Gomes

Ana Cristina Martins

Coordenação

Vítor Oliveira Jorge

ENTRADA LIVRE



CML/DALC/2017



Tempos de Crepúsculo. Quando a coruja de Minerva finalmente levanta voo.

O título geral destes ciclos de debates é inspirado na ideia de Hegel de que o conhecimento, nomeadamente o histórico, é sempre retrospectivo, porque depois do acontecido este ganha outros contornos, ou seja, cada presente de facto muda efetivamente o passado, passado esse que é, assumidamente, uma representação.

Mas uma representação que não é arbitrária, e que, respeitando os diferentes pontos de vista, deve pautar-se por um desejo honesto de objetividade e rigor, para não cairmos no erro ético de justificar, ou mesmo negar, o acontecido.

A coruja, símbolo do saber, levanta voo (obtém o Entendimento, ou Razão) ao fim do dia, ao crepúsculo, isto é, quando pode "fazer o balanço do já ocorrido" e "ver de cima", ver a totalidade, como num mapa que sobrevoe... por muito subjetivo que este seja.

Afinal, para que serve a História

No fundo, agora no terceiro ciclo de 2017, trata-se de pensar a história entre os dois extremos em que ela se move: a vontade de verdade, e de reconstituição do que já se passou (objetividade), e o espaço de liberdade (subjetividade) que cada intérprete desses acontecimentos tem forçosamente de ter, uma vez que cada um que pensa a história pensa-a num determinado momento, a partir de um ponto de vista (consciente ou inconsciente) e com o desejo, assumido ou não, de "provar" uma ideia sobre o presente e o futuro.

A história não é nunca inocente, neutral, descomprometida, apolítica. Mas, ao mesmo tempo, deve permanentemente visar esclarecer-nos a todos, de modo informado e crítico, sobre quais os melhores caminhos que devemos trilhar, na nossa pluralidade irreduzível, ou seja, na nossa condição de cidadãos individuais livres, capazes de pensar, cada um(a) por si, isto é, de emitir uma opinião realmente pertinente. Daí a necessidade do debate: porque este é em si mesmo um valor, e não tanto o chegar a conclusões dogmáticas ou definitivas.

Em 2017, os debates serão realizados nos mesmos moldes gerais dos efetuados em 2014 e 2016 (aos sábados, entre as 15 e as 18 horas, aproximadamente, com curtas intervenções iniciais seguidas de debate, sendo tudo gravado em vídeo, depois disponibilizado a partir do *YouTube*), em ambiente informal e aberto.

Sérgio Alexandre Gomes

Doutor em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseiro pós doutoral da Fundação Ciência e Tecnologia. Investigador do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra.

Ana Cristina Martins

Doutora em História pela Universidade de Lisboa. Fundação Ciência e Tecnologia- investigadora do Instituto de História Contemporânea – Ciência, Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica da Universidade de Évora e Universidade Nova de Lisboa.

Vítor Oliveira Jorge, arqueólogo e professor aposentado, fez quase toda a sua carreira universitária na Universidade do Porto, onde foi professor catedrático da Faculdade de Letras desde 1990 até 2011. Investigador do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e presidente da direção da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Doutorou-se em 1982, com uma tese em arqueologia, área genérica que já tinha sido a sua tese de licenciatura. Tem obra poética e sempre trabalhou em termos interdisciplinares, tendo organizado numerosos encontros, congressos, colóquios, mesas-redondas, etc.



Informações:

DIVISÃO DE CULTURA

dc@cm-loures.pt

telef: 211 151 172